

AS 7 CARTAS AUTÊNTICAS DE PAULO
AS DEUTEROPAULINAS E AS PASTORAIS

por

António de Macedo

Antes de vermos as cartas ou epístolas de Paulo, vejamos, muito resumidamente, como é concebida a constituição do ser humano nos textos de Paulo, e em comparação com algumas das diversas correntes do pensamento filosófico e/ou esotérico:

<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>
		(DEUS)	Espírito Divino [PAI]	Nirvânico / Átmico
		Pneuma	Espírito de Vida [FILHO]	Búdico
			Espírito Humano [ESPÍRITO SANTO]	Mental Supe- rior
Eidôlon	Noûs	[Noûs]	Abstracta Mente Concreta	Mental Con- creto
Psychê	Psychê	Psychê	Corpo de Desejos ou Emocional	Corpo Astral (Kama Rupa)
			Corpo Vital ou Etérico	Duplo Etérico (Linga Shari- ra)

Sôma	Sôma	Sôma	Corpo Denso ou Físico-Químico	Corpo Denso
Pitagóricos e Pré- Socráticos	Pensamento Grego e Helenístico	S. Paulo	Esoterismo Occidental e Correntes Rosacruz	Ocultismo Oriental

Na coluna **1** mostra-se, de uma maneira muito sucinta, como os pitagóricos e, duma forma geral, os pré-socráticos, concebiam a constituição do ser humano: **a**) a parte visível, material, que é o corpo físico: *sôma* («corpo»); **b**) um princípio anímico, ou vital: *psychê* («alma», «vida»); **c**) e um componente mais ou menos sombrio: *eidôlon* («imagem», «fantasma», «ídolo»), uma espécie de simulacro que aparece nos sonhos e vai para o Hades após a morte.

Na coluna **2** esquematiza-se a constituição humana a partir dos tempos de Platão e Aristóteles, mais ou menos; a *psychê* passa a ser uma verdadeira «alma» imortal, como vemos p. ex. no diálogo *Fédon* do primeiro daqueles dois filósofos, em que se descreve toda uma teoria da reencarnação das almas em sucessivos novos corpos no mundo; por sua vez o *noûs* («mente», «pensamento», «inteligência») é um poder ou uma faculdade da alma que reflecte de certo modo a «forma de Deus».

Na coluna **3** temos o esquema proposto por Paulo na sua primeira carta aos Tessalonicenses: «Que o Deus da paz vos santifique por inteiro, e o vosso espírito [gr. *pneûma*], e a vossa alma [gr. *psychê*], e o vosso corpo [gr. *sôma*] se conservem irrepreensivelmente para o advento de nosso Senhor Jesus Cristo» (1 Tessalonicenses 5, 23). Surge aqui um elemento novo, *pneûma*, que significa «espírito» e que, para Paulo e para o Cristianismo iniciático, corresponde a uma emanção do Espírito de Deus: «Não sabeis que sois templo de Deus, e o Espírito de Deus habita em vós?» (1 Coríntios 3, 16). O *noûs* («mente», «intelecto») não desapareceu, fica na zona de intersecção da *psychê* e do *pneûma*, e por isso se representa a cinzento, no gráfi-

co, para mostrar a «sobreposição» daqueles dois componentes da parte invisível do ser humano.

Na coluna **4** sintetiza-se a constituição séptupla do ser humano de acordo com a tradição da Sabedoria Ocidental e das doutrinas Rosacruz, de inspiração cristã iniciática: o Triplo Espírito e o Triplo Corpo, unidos pelo elo da Mente. O Triplo Espírito do ser humano é uma emanção do Deus Triuno — Pai, Filho, Espírito Santo —, tal como, aliás, o Triplo Corpo: o “Espírito Divino” e o “Corpo Denso” estão a cargo do PAI; o “Espírito de Vida” e o “Corpo Vital ou Etérico” estão a cargo do FILHO (Cristo Cósmico / Cristo Interno); o “Espírito Humano” e o “Corpo de Desejos ou Emocional” estão a cargo do ESPÍRITO SANTO.

A coluna **5** reproduz muito esquematicamente as equivalências do ocultismo oriental, segundo um modelo (aqui muito resumido) divulgado pelas doutrinas da Sociedade Teosófica.

Hoje é consensual entre os críticos que os primeiros documentos autênticos, cristãos, que chegaram até nós são sete cartas de Paulo escritas entre os anos 50 e 56/58 do primeiro século — as de sua indiscutível autoria, não as *pseudónimas*.

— **1 Tessalonicenses, Gálatas, 1 e 2 Coríntios, Filémon, Filipenses e Romanos.**

Da leitura atentas dessas sete cartas de Paulo depreendemos que ele não estava tão preocupado em registrar e transcrever as *palavras* e os *actos biográficos* de Jesus como sobretudo em divulgar a Boa Mensagem de um Cristo ressurgido [iniciaticamente despertado] dentre os mortos, que nos resgatou com o Seu sacrifício [redenção: *apolytroxis*] e nos desvendou a verdade da nossa própria «ressurreição» — não só após a morte, mas sobretudo a «ressurreição» iniciática —, além do significado da expressão «herdar o Reino de Deus»: ele qualifica o Reino de Deus como «justeza e paz e alegria no Espírito Santo» (Romanos 14, 17).

No primeiro documento paulino de que dispomos, a 1.^a epístola aos cristãos de Tessalónica, redigida por volta do ano 50, são de destacar duas referências que introduzem e confirmam o precedente: a

primeira é ao «Reino de Deus» e sua glória, como vocação de todo aquele que se comporta de uma maneira digna, isto é, de acordo com o «Evangelho de Deus» (1 Tessalonicenses 2, 9-12); a segunda diz respeito à preocupação dos tessalonicenses quanto ao destino dos que morreram, e a que Paulo responde afirmando que Deus, por intermédio de Jesus [gr. *dia toû Iêsoû*], levará para Si os que «adormeceram» (1 Tessalonicenses 4, 13-14).

A primeira fase da divulgação dos ensinios de Cristo, após a Sua morte e ressurreição, foi a *transmissão oral* durante pelo menos uns quinze anos, antes que as diversas comunidades [iniciáticas] seguidoras de Jesus sentissem necessidade de pôr por escrito os Seus ditos e sentenças tais como eram repetidos verbalmente durante as respectivas reuniões, ou liturgias místicas.

De acordo com os autores mais recentes, podemos estabelecer uma cronologia de alguns eventos e textos (embora muito relativa e ainda sujeita a discussões entre os peritos) aproximadamente como segue:

Ano 30/32 \wedge Morte de Jesus;

Até anos 40-50 (nalguns casos até 70) \wedge Tradição oral;

Anos 40-50 \wedge Primeira recolha e composição do Evangelho Q, composição essa que, segundo certos autores, se teria prolongado, em três fases, para além do ano 70;

Anos 50-56/58 \wedge Epístolas de Paulo (as sete autênticas):

- 1 Tessalonicenses (cerca de 50/51 d. C.),
- Gálatas (entre 52 e 54),
- 1 Coríntios (entre 53 e 55),
- 2 Coríntios (entre 53 e 55),
- Filémon (entre 54 e 60),
- Filipenses (entre 54 e 60),
- Romanos (cerca de 56/58);

Entre anos 50-60 e anos 80-90 \wedge Recolha e redacção do Evangelho de Tomé;

Ano 70 \wedge Destruição do Templo de Jerusalém pelos Romanos;

Entre anos 64 e 80 \wedge Evangelho de Marcos;

Entre anos 70-80 ou 80-90 \wedge Evangelho de Mateus;

Anos 80-90 ^ Epístola aos Hebreus;

Anos 90-100 ^ Evangelho de João;

Entre anos 80-90 e um máximo de 120 ^ Evangelho de Lucas e Actos dos Apóstolos;

Ano 100 aprox. ^ As três epístolas de João e Apocalipse.

Chamam-se correntemente epístolas «**deuteropaulinas**» à seguintes três cartas do *corpus* paulino noetestamentário:

— Efésios

— Colossenses

— 2 Tessalonicenses

Por sua vez, designam-se por «**pastorais**» as seguintes três:

— 1 Timóteo

— 2 Timóteo

— Tito

A «**epístola**» é um género literário que já se encontra bem documentado a partir do século IV a.C. Trata-se duma carta redigida literariamente, com a intenção de ser publicada e lida pelo público em geral. As cartas de Paulo não começaram por ser «epístolas»: eram cartas escritas às comunidades (*ekklêsiai*) ou a indivíduos para tratar de problemas específicos. As cartas dirigidas às *ekklêsiai* eram lidas em voz alta durante os respectivos serviços litúrgicos.

Existe consenso entre os especialistas mais autorizados que as três cartas pastorais não são de Paulo (são «pseudónimas»), e teriam sido redigidas durante a primeira metade do segundo século. A carta aos Colossenses pode ter começado por ser um texto de Paulo, mais tarde ampliado por um discípulo.

Efésios e 2 Tessalonicenses tão-pouco são aceites como sendo de Paulo, por parte dos estudiosos.

A Escola Iniciática de Paulo assenta, de certo modo, na tripartição que o próprio Paulo estabelece para a constituição do ser humano: *sôma* (corpo), *psychê* (alma, princípio vital) e *pneuma* (espírito), além da Gnose das coisas superiores e divinas (Romanos 11, 33: «Oh que profundidade e riqueza, da Sabedoria [gr. *sophia*] e da Gnose [gr. *gnôsis*] de Deus!»).

Segundo esta concepção gnóstica (para não dizer «gnóstica»), os graus iniciáticos escalonam-se desde zero (o ser humano sem propensões espirituais, materialista e corpóreo) até à mais alta Gnose, passando pela Iniciação de Água, ou psíquica (de *psychê*) e pela iniciação de Ar, ou pneumática (de *pneuma*, espírito). O grau inferior, corpóreo (de *sôma*, corpo), também é designado, pelos Gnósticos, hylico (de *hylê*, matéria) ou sárkico (de *sarx*, *sarkos*, carne).

Ser humano:

sárkico / hylico	— Princípio somático	— <i>soma</i>
— Terra		
psíquico	— Iniciação psíquica	— <i>psychê</i>
— Água		
pneumático	— Iniciação pneumática	— <i>pneuma</i>
— Ar		
gnóstico	— Iniciação gnóstica	— <i>gnôsis</i>
— Fogo		

«Porque os que são da carne [gr. *sarx*, *sarkos*] concentram-se nas coisas da carne, mas os que são do espírito [gr. *pneuma*, *pneumatot*], nas do espírito. Porque a aspiração da carne é morte, a aspiração do espírito é vida e paz [...] Vós porém não estais na carne mas no espírito, se na verdade o Espírito de Deus habita em vós [...] E se o Espírito do que ergueu [despertou] Jesus dentre os mortos habita em vós, o que ergueu [despertou] Cristo Jesus dentre os mortos também vivificará os vossos corpos mortais [gr. *thnêta sômata*] por obra do seu Espírito que habita em vós» (Romanos 8, 5-6.9.11).

Este trecho ilumina-nos a transcensão alquímica da realidade individual para a realidade cósmica da ressurreição espiritual: os «corpos mortais» constituem a personalidade, ou a *persona*, corrompida e «morta» pelos erros e desvios, mas que pode ser sempre vivificada [gr. *zôopoieô*] pelo Espírito Santo, do qual o corpo é Templo: eis a verdadeira Boda Mística do Eu-superior com o Eu-inferior — a verdadeira ressurreição dos «mortos». — Dito por outras palavras: Paulo, tal como os Gnósticos dos primeiros séculos do cristianismo, dirigia os seus ensinamentos a dois níveis de Iniciados cristãos, os

psíquicos e os *pneumáticos*, descrevendo estes últimos como prontos para possuir a «Gnôsis»:

«O ser humano psíquico [gr. *psychikos*] não capta [percebe] as coisas do espírito [gr. *toû pneumatos*] de Deus, pois são loucura para ele, nem pode ter a Gnose delas [gr. *gnônai*], pois só podem ser avaliadas pelo espírito [gr. *pneumatikôs*]» — 1 Coríntios 2, 14.

Paulo afirma possuir a **Iniciação da Gnose**, ou seja, a mais elevada:

«Em nada sou inferior a esses eminentes apóstolos; e, embora seja inculto em palavra [gr. *logos*], não o sou na Gnose [gr. *gnôsis*]» — 2 Coríntios 11, 5-6.

Paulo encarava a sua missão como despertadora do «Cristo interno»: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gálatas 2, 20), tal como se confirma num outro texto que alguns especialistas pensam que pode ser de Paulo, ou, pelo menos, de um discípulo dele sobre um texto inicial de Paulo: a epístola aos Colossenses, escrita depois do ano 54 d. C. mas, em todo o caso, completada antes do ano 90: «... ensinando todos os seres humanos [gr. *anthrôpoi*] em toda a Sophia [gr. *sophia*], para que possamos apresentar todo o ser humano como um **Iniciado em Cristo** [gr. *teleios en Christôi*]» — Colossenses 1, 28.

A estrutura alegórica da «Gnose Paulina» pode ser resumida do seguinte modo:

Iniciação **Psíquica** (de *psychikos*, anímico, vital) —

Batismo

Iniciação **Pneumática** (de *pneumatikos*, espiritual) —

Crucificação

Iniciação da **Gnose** (de *gnôsis*, conhecimento) —

Ressurreição

A Iniciação Psíquica corresponde ao Batismo em Água, ao passo que a Iniciação Pneumática se inicia pelo Batismo em Fogo (Espírito Santo).

Observe-se:

«Pelo que não desfalecemos, pois, ainda que o nosso “homem exterior” [gr. ‘*o exô anthrôpos*] se corrompa, o nosso “homem inte-

rior” [gr. ‘*o esô...*’] renova-se dia após dia. Porque o momentâneo e leve das nossas tribulações produz em nós, com um excesso na verdade incomensurável, um perene [gr. *aiônion*] caudal de glória. Não pomos o nosso olhar nas coisas visíveis, mas nas invisíveis, porque as visíveis são transitórias, e as invisíveis são perenes [gr. *aiônia*]» (2 Coríntios 4, 16-18).

Esta distinção entre o «Eu inferior» (personalidade) e o «Eu superior» (individualidade espiritual) é característica dum formulário iniciático. Várias passagens do Novo Testamento indiciam a condição de Iniciado de Paulo na nova Escola de Mistérios Cristãos, inaugurados por Cristo com a ressurreição de Lázaro (1.^a Iniciação Maior) e a frase fundadora: «Eu sou a Via, a Verdade e a Vida» (João 14, 6).

Por outro lado, em relação à situação das mulheres na comunidade iniciática de Paulo, como é que os debates sobre esta matéria afectaram os escribas que reproduziram os textos neotestamentários? Há uma passagem que continua a deter um lugar proeminente nos debates actuais sobre o cristianismo e a relação da mulher e da Igreja:

«Que as mulheres nas igrejas silenciem [gr. *sigatôsan*]; pois não lhes é permitido falar, mas sejam submetidas, como a lei diz. Se alguma coisa querem [gr. *thelousin*] aprender, interroguem em casa os seus próprios maridos, porque é indecoroso para a mulher falar na igreja» (1 Coríntios 14, 34-35).

Esta é uma das passagens que pretende revelar a verdadeira misoginia de Paulo, pois aqui Paulo mostra-se tudo menos igualitário.

A discussão sobre se Paulo realmente escreveu este texto ou não deve situar-se no contexto da opressão das mulheres no cristianismo primitivo, e não isoladamente como se costuma fazer.

Na verdade, há boas razões para pensar que algum escriba inseriu esta passagem em 1 Coríntios depois de a epístola ter saído das mãos de Paulo, e de ter andado em circulação durante algum tempo.

À primeira vista parece difícil prová-lo, porque esta passagem encontra-se em todos os manuscritos que chegaram até nós de 1 Coríntios. No entanto, alguns dos manuscritos latinos situam estes versículos numa localização diferente, e colocam-nos no *final* do

capítulo, depois do versículo 40. Uma maneira de explicar esta espécie de transposição é partir do princípio que a passagem teve origem numa *nota marginal* que os escribas mais tarde incorporaram no próprio texto, inserindo-a uns num lugar, e outros, noutro. E, com efeito, há forte motivos para pensar que foi exactamente o que aconteceu no presente caso, pois os versículos são de teor intrusivo no seu imediato contexto literário e em conflito com o que Paulo diz das mulheres noutros sítios.

Com efeito, o que os versículos realmente dizem choca com as próprias vistas de Paulo, não só em **Gálatas 3, 28**, onde ele afirma que em Cristo não há varão nem fêmea, mas, mais desconcertante ainda, com o que ele diz na própria carta 1 Coríntios. A presente passagem insiste que as mulheres fiquem silenciosas, e que não lhes é permitido falar na igreja. Mas precisamente três capítulos antes Paulo sancionou e defendeu a prática de as mulheres rezarem e profetizarem na igreja, actividades que na antiguidade sempre foram feitas em voz alta. Como é que ele poderia afirmar o direito das mulheres falarem no **capítulo 11** e negar-lhes esse direito no **capítulo 14**?

-----ooOoo-----